

## Dr. Francisco Glycério de Freitas Filho

José Renato Nalini

São Paulo perdeu uma das suas expressões éticas mais significativas na messe da medicina. Faleceu, em 5 de julho de 2006, o urologista Francisco Glycério de Freitas Filho, poucos meses antes de completar seus 90 anos, eis que nasceu na capital, em 6 de novembro de 1916.

Formou-se pela Escola Paulista de Medicina, turma de 1940, mas desde estudante já se devotava à sua missão. Exerceu as funções de auxiliar acadêmico do Centro de Saúde do Braz, Serviço de Profilaxia da Sífilis (1938-1941). Também cumulou, a partir de 1939, as funções de interno da Clínica Urológica da Escola Paulista de Medicina. Assumiu, logo após ser diplomado, o título de assistente-voluntário e, a partir de 1944, passou a assistente-chefe dos serviços do ambulatório e da enfermaria da mesma clínica.

Atuou como assistente da clínica particular e hospitalar do Prof. Dr. Rodolpho de Freitas, seu tio e filho do legendário Herculano de Freitas, prócer gaúcho que se radicou em São Paulo, onde se casou com Clotilde, filha do republicano Francisco Glycério, e onde foi lente e diretor da Faculdade de Direito, depois Senador estadual, Ministro da Justiça e Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Em 1932, o quase-menino Francisco Glycério de Freitas Filho serviu como

secretário na Cruz Vermelha, junto a Carlota Pereira de Queiroz e Anita Malfatti, à causa constitucionalista. Mereceu menção no livro *A mulher paulista no Movimento Pró-Constituinte*, de J. Rodrigues.

Escolheu a urologia por especialidade, e a oncologia nele teve um dos seus mais empenhados cientistas. Foi médico do Hospital Municipal durante

20 anos (1945-1965). Aposentou-se como Chefe da Clínica Urológica e integrou inúmeras comissões para aperfeiçoamento do setor. Também foi Chefe do Serviço de Urologia do Instituto Antonio Prudente, o Hospital do Câncer (1954-1990). Mesmo aposentado, continuou a prestar serviços voluntários e realizou cirurgias até poucos anos antes do seu falecimento.



Escreveu a monografia Vícios Congênitos Reno-Pielo-Ureterais – Patologia Clínica, utilizada como livro didático, publicado pela Editora Renascença S.A., em 1952. Publicou inúmeros trabalhos científicos em revistas especializadas, coordenou cursos, exerceu a docência na Escola Paulista de Medicina, integrou Bancas de seleção de médicos de sua especialidade e participou de numerosos Congressos Brasileiros e Internacionais de Urologia e de Oncologia, em todos apresentando trabalhos científicos de consistência e resultantes da sua larga experiência no setor.

Todavia, o exame do currículo profissional da medicina do Dr. Francisco Glycério de Freitas Filho não satisfaz a necessidade de realçar seus atributos de homem probo, sensível, generoso e paradigmático. Num tempo em que o interesse material condiciona a atuação humana em todas as áreas, ele foi o modelo de desprendimento e de bondade. Era muito mais do que médico, profissional competente e imbuído de consciência para manter-se sob contínua atualização. Foi, sobretudo, o conselheiro, o ombro amigo, o solucionador de questões as mais diversas, até mesmo alheias ao seu ofício.

Desenvolveu, não só com os enfermos mas também com os familiares angustiados, uma espécie de psicanálise pioneira. Não se cansava de explicar, de prognosticar e, principalmente, de confortar. Cada paciente seu se tornava, por isso mesmo, um amigo e um admirador, gratificado por uma postura praticamente desaparecida no profissionalismo contemporâneo.

Sensível ao extremo, quanta vez não chorou ao leito daqueles para os quais a ciência já não dispunha de alternativa. Protetor dos fracos, dos combalidos, não discriminou o atendimento e a todos tinha palavras de conforto e solidariedade.

Representou um raro e singular exemplo de congruência das virtudes sociais. Conciliou seus bens naturais – talento, inteligência, erudição – com os dotes familiares de tradição, lhanza, amor à Pátria. Seguiu a exortação de Paulo:

---

“Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento. A outro, no mesmo espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar” (I, Cor., 12-8,9).

---

Privilegiado pela Providência, viu-se cumulado dos dons da sabedoria, do conhecimento, da crença e da cura, além do talento do bom conselho.

Conservou sempre o entusiasmo juvenil de atleta, que foi campeão universitário e brasileiro nas provas de meio-fundo, integrante da seleção brasileira que levantou o campeonato Sul-Americano no Chile, com o vigor do jovem que disputava corrida no Jóquei Clube, com seus irmãos Clóvis e Luiz, nos intervalos entre os páreos.

Na era da impessoalidade, em que a falta de comunicação gera bom número de conflitos entre médicos e pacientes ou suas famílias, o paradigma de conduta de Francisco Glycério de Freitas Filho se preordena a nortear os jovens herdeiros da medicina que ganhou em apuro científico, mas não registra, em regra, êxito idêntico em aprofundamento da sensibilidade.

Esse é o paradoxo da arte de curar. As descobertas científicas, aliadas aos avanços tecnológicos, propiciam uma certeza maior no diagnóstico e na cura. Não segue nesse passo o progresso na comunicação entre médico e paciente. Menos ainda, a relação médico-família do paciente.

A especialização é a regra e fez desaparecer o médico de família. Assim chamado porque, na verdade, atuava

em relação a todo o grupo afetado pela enfermidade que acometera um só de seus integrantes. A este dedicava a sua ciência. Aos outros, a sua arte de tranquilizar.

Francisco Glycério de Freitas Filho foi um homem de bem e um homem do bem. E

---

“a esse homem de bem, qualquer que lhe seja o nome, qualquer que seja a época em que tenha atuado, nunca deveremos deixar distante ou esquecido; porque, mesmo quando ele desaparece dentre os vivos, está presente aos nossos conselhos e atende ao nosso apelo. Está solidário conosco nas horas de provação e de calamidade e serve-nos de guia e fanal, como estrela propícia, na escuridão das noites catastróficas para a nacionalidade” (Altino Arantes. *Passos do meu caminho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, p. 324).

---

Bem a propósito, cabe recordar a frase que seu bisavô, o grande prócer republicano Francisco Glycério, de quem herdou têmpera e nome, após a primeira página de um livro por ele ofertado a Altino Arantes e traduzido de Tácito:

---

“Não são lágrimas estéreis sobre cinzas inanimadas, é a lembrança e a execução de suas vontades que os mortos esperam da fidelidade de seus amigos” (Arantes, *Passos do meu caminho*, p. 311)

---



---

**José Renato Nalini**  
desembargador, membro da  
Academia Paulista de Letras

# Samoel Atlas

Jorge Michalany



Meu caro Atlas,  
No prefácio da sua tese, quando você se refere ao Prof. José Trueta, chama-o de “invulgar personalidade científica de pesquisador e ortopedista”. Muito bem. Salientar a capacidade de um cientista também como profissional médico é de suma importância, porque não é essa a idéia que se tem pretendido difundir em nossas escolas ultimamente.

Hoje em dia, quando se fala em pesquisador, pensa-se apenas num indivíduo dedicado exclusivamente à pesquisa, num instituto só de pesquisa, no meio só de ratos, só de cobaias, só de coelhos ou de outros representantes da fauna, até silvestre, mexendo só com aparelhamento o mais complicado possível e fazendo produção em massa de trabalhos. Falar em pesquisa morfológica? Sacrilégio! Pesquisador que goste também de ser um bom profissional? Sacrilégio! Gostar de ensinar, fazendo do complicado o simples? Sacrilégio! Isto é estranho porque a história ensina que Koch era médico prático de aldeia, Carlos Chagas, clínico e Gomori, fisiologista.

Meu inesquecível mestre Pierre Masson, referindo-se àqueles que levam a idéia da especialização e da pesquisa ao seu paroxismo, disse:

“Ils ont confondu travail technique avec travail de l’esprit, fabrication avec invention. De ne voir ainsi que le petit cote d’une question, la coséquence en est que la littérature médicale est encombrée de publications souvent hâtives: la quantité remplançant la qualité”

E com seu espírito arguto assim criticou a proporção, por assim dizer geométrica, dos trabalhos de um famoso pesquisador da América do Norte:

“Il donne du riz aux rats, c’est un travail; il ne donne pas du riz aux rats, c’est un autre travail”!

As Santas Casas das Misericórdias têm por tradição conferir o Título de Irmão Benemérito aos cidadãos que a elas muito se dedicaram. E, a meu ver, as Universidades deveriam fazer isso também, concedendo, além do tradicional Título de Doutor *In Honoris Causa*, também o Título de Doutor Benemérito.

Você, Atlas, é uma Instituição da Escola Paulista de Medicina. O simples fato de reviver com suas incomparáveis imitações a história dessa Escola lhe daria o direito de receber o título de Doutor Benemérito.

Você, Atlas, possui a arte do espírito e da frase. E, se me permite reviver em algumas palavras o valor do espírito e da frase, eu me valeria de Júlio Dantas, quando, na Ceia dos Cardeais – esta jóia da literatura portuguesa –, o Cardeal de Montmorency, discordando do seu fanfarrão companheiro, Cardeal Ruffo, afirmava que o espírito valia mais que a força para a conquista de uma mulher. E assim disse ele:

“Que seria o amor sem o espírito, Eminência?  
Uma paixão brutal ou mais uma impertinência,  
Sem pureza, sem tudo aquilo que resume  
O coração num beijo e a alma num perfume!  
Com os punhos de renda, até a ofensa é linda!  
Pode ser fina a espada; a frase é mais ainda:  
Uma escola subtil de esgrima delicada...  
Procura o coração, a frase, como a espada,  
E desfaz-se, ao ferir, em pedras preciosas,  
Como os raios de Sol quando ferem as rosas...  
Se ao homem vence a espada e se é belo vencer,  
O espírito faz mais – porque vence a mulher!”

**Jorge Michalany**  
curador do museu da APM

# Luiz V. Décourt o professor

Luiz Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Nos anos 50, o título de “Professor” se restringia aos catedráticos, e a esse título, em regra, seguiam-se os respectivos nomes e/ou sobrenomes. Afigura-se uma exceção o caso de Luiz V. Décourt – quase todos referem-se a ele como: O Professor. Uma discreta síntese da sua vida profissional é suficiente para entender esse tratamento tão significativo. E há vez para saudade.

1940 – Docente-Livre de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com apenas cinco anos de formado!

1945 – Lições de Patologia Cardiocirculatória, o seu primeiro livro didático, constituiu referência básica para o estudo da matéria concernente. Ao folheá-lo, em seus gráficos certamente compostos pelo próprio autor, emocionava-me reconhecer a sua caligrafia, escorreita ao longo dos anos. Ademais, esse livro foi composto pelas aulas taquigrafadas em um curso realizado para médicos, meses antes. De fato, suas qualidades professorais, em caráter de pós-graduação sentido lato, evidentes aos 34 anos de idade, foram premonitórias de uma carreira excepcional.

1950 – A Sístole Elétrica Ventricular, tese apresentada no seu vitorioso concurso à Cátedra de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), comprovou o que dele se esperava. A expressividade das provas concernentes foi realçada pelo Professor Ulhôa Cintra, que assim se dirigiu ao candidato: “a sua tese é um monumento – como homenagem nada tenho a argüir”. Desse modo, encerrou-se um dos mais memoráveis certames dos nossos tempos.

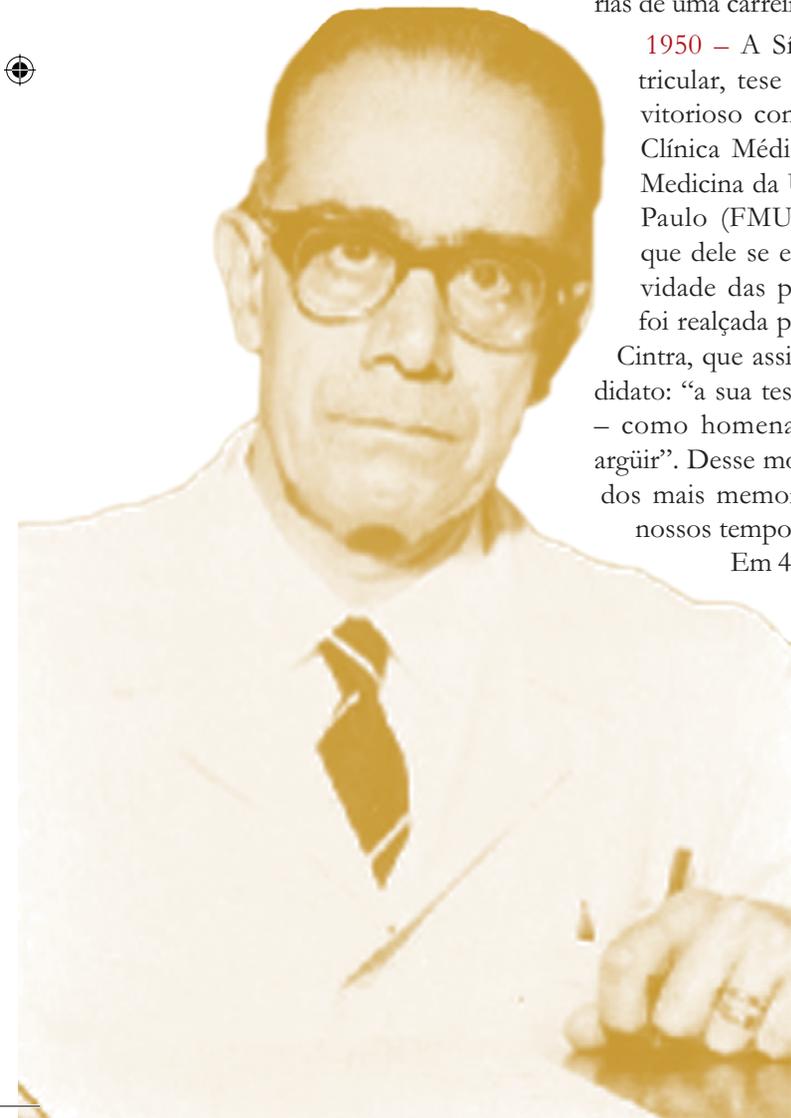
Em 4 de agosto deste ano, Luiz V. Décourt tomou posse. Ganhara a Faculdade um Professor que, em breve, tornaria-se um dos mais eminentes da sua Congregação.

“I am the master of my fate, I am the captain of my soul” (William Ernest Henley, *Invictus*, 1875). Por-

tanto, seguro em suas bases espirituais, culturais, científicas e didáticas, com firme determinação de cumprir o seu dever, o novo catedrático iniciou o seu serviço nas enfermarias destinadas à 2ª Clínica Médica, no 6º andar do Hospital das Clínicas. No início da ala norte (masculina), situava-se a sala do Professor cuja decoração era simples, mas revestida de lambril de perobinha clara; guarnecida com escrivaninha, armário, sofá de couro verde e poltrona. Ao lado, a biblioteca, com madeiramento idêntico, foi construída graças ao desvelo do dr. Enéas Carvalho de Aguiar, superintendente. Na ala sul (feminina), organizou-se a secretaria, ao lado dela montar-se-ia o laboratório, e à frente uma copa onde era servido o cafezinho das 9h30, ponto suscetível a ligeiros bate-papos, num dos quais o Professor deixou escapar uma simpática confidência: tinha somente 38 anos de idade! Um pequeno anfiteatro foi instalado na ala norte. Os vestiários e os sanitários ficavam no hall dos elevadores, início da ala central, destinada aos serviços de apoio.

Durante o primeiro ano ministrou um curso de Gastroenterologia para os estudantes de graduação, demonstrando surpreendentes conhecimentos – superiores e atualizados. Nos anos seguintes, isso também ocorreu com seus cursos sobre Hepatologia e Pneumologia. Destarte, suas lições revelaram para os novos alunos a extensão e a profundidade do seu preparo em medicina geral.

1951 – 18 meses de cátedra coroaram-se com a sua aclamação a parainfo da turma. É sempre grato lembrar a despedida de uma escola – um momento de especial emoção: “qual modesto edifizio bianco...tu lo vedrai fino all’ultimo giorno della tua vita”



(Cuore Edmondo, *De Amicis*, 1886). Com efeito, em nossa Faculdade, o discurso de adeus do bacharel Orlando Campos (1943) sobressaía por sua sentimental conotação poética. Entretanto, a oração *As Virtudes Básicas do Médico*, honestidade, ciência e caridade, proferida pelo Professor Luiz V. Décourt, na despedida dos seus afilhados, até hoje constitui paradigma para aqueles que almejam um desempenho correto da nossa profissão.

**1953** – Na clínica particular, ele constantemente manteve com os pacientes um elevado padrão de comportamento: serenidade, paciência, tolerância, isenção de preconceito de raça, credo, classe social; desprezo às influências econômicas ou políticas; consideração especial para com os menos afortunados ou mais aflitos. Orientação, mesmo que por telefone, nunca deixou de ser feita, até em horas inadequadas. Clientes que outrora o tratavam por “Doutor Luiz”, naturalmente passaram a chamá-lo “Professor”.

**1965** – Há 15 anos mantém íntegras e até superadas as suas principais características, como diz Ennio Barbato: “ao lado da cultura científica e humanística, sobreleva também a correção, a correção moral e dos sentimentos, dos gestos e das atitudes”. Realmente, essa postura foi uma constante no Instituto Central do Hospital das Clínicas. Nunca lhe preponderou uma atitude autoritária, a vaidade do poder, mas, sim, um singelo orgulho do saber. E isso passou para os seus assistentes que sempre se honravam de tê-lo como mestre. A consideração que todos lhe devotavam não significava submissão, temor ou receio – mas, sim, respeito à sua qualidade intelectual –, uma condição que não é sujeita a quaisquer imposições próprias das vicissitudes humanas.

Moderação é o que nunca faltou ao Professor, especialmente em viagens ao exterior, embora houvesse facilidade para muitas, dava preeminência às atividades científicas em detrimento das de caráter turístico. Contudo, sempre estava pronto a discorrer sobre os acervos das famosas galerias de arte tal como tivesse regressado da Europa recentemente.

A 2ª Clínica Médica progrediu continuamente em todos os aspectos da atividade universitária – assistência, pesquisa e ensino – seja em nível de graduação ou pós-graduação, seja em nível de atualização, aperfeiçoamento, estágios para colegas estrangeiros e do país. Paralelamente, não ficaram de lado aqueles relacionados à cultura geral. Organizacionalmente, criaram-se seções especializadas da própria Cardiologia. Além disso, constituiu berço de implantação de especialidades afins – Pneumologia, Nefrologia, Reumatologia, Geriatria. Estabeleceu o Serviço de Propedêutica e proporcionou o desenvolvimento da Gastroenterologia. Diversas dessas disciplinas, mais tarde, foram chefiadas por professores titulares oriundos da Clínica.

**1966 e 1971** – Precocemente, perdemos dois companheiros: Ennio Barbato, Professor Associado, aos 43 anos de idade, e Bernardino Tranchesi, Professor Associado, aos 57 anos de idade; este foi um “titã” da Clínica Médica, aquele despontava como um “gigante” da Cardiologia – ambos meus amigos fraternos e a eles devo muito da minha formação e do meu aperfeiçoamento profissional.

**1978** – A essência da 2ª Clínica Médica perdurou até a implantação do Instituto do Coração, quando começaram as transferências para as novas instalações. O então chamado “Serviço do Professor Décourt” trasladou-se para constituir diversas áreas clínicas da nova entidade, cujo diretor científico foi o próprio Professor.

### Epílogo

Há muito tempo que costumo dizer: “a nossa 2ª Clínica Médica”. Trair-me-ia o sentimento do belo: – “le tien, le mien, le mien, le tien... et nos roses” (Paul Gerald, *Dualism*, 1911) – o teu, o meu, o meu, o teu... e a nossa 2ª Clínica Médica. Lá vivi os melhores anos de atuação universitária – de mero assistente voluntário a honrosos postos. Vejo-a em meus sonhos e vislumbro Bernardino e Barbato – trabalharíamos juntos... É impossível esquecê-la, ainda que materialmente desfigurada, foi a minha maior escola.

Também é melancólico recordar as nossas antigas festas. O Natal, quando após a necessária alusão à data, distribuíam-se lembranças para o pessoal da enfermagem e da administração. O Jantar da Enfermaria em agosto, mês de aniversário, que na maioria das vezes contava com o auxílio do dr. Dante Nese, secretário da Faculdade e muito amigo do nosso serviço – o seu gênio alegre e expansivo contagiava a todos: “Vin d’honneur”, por assim dizer, propiciava até manifestações exageradas, mas toleradas com naturalidade pelo Professor.

Mas ...

---

“quando o nosso navio parte de Honolulu, penduram-nos ao pescoço grinaldas de flores (leis)... Os passageiros lançam serpentinas aos que ficam... E quando o navio começa a mover-se as serpentinas rompem-se suavemente. É como a ruptura dos laços humanos. Somos reunidos momentaneamente... depois a vida nos separa... as flores da nossa grinalda murcham, e o seu aroma torna-se opressivo. Então, jogamo-las ao mar” (Somerset Maughan, *Histórias dos Mares do Sul*, 1957).

---

E assim ao decorrer dos anos nossas comemorações foram se escasseando. Por algum tempo, houve jantares limitados a poucas pessoas... Insensivelmente, nossa grande data deixou de ser lembrada...

**2006** – Tudo mudou.

O Professor passa boa parte das tardes em sua biblioteca, cercado do que há de melhor em artes, literatura e música – templo propício às suas mais queridas recordações.

Veç por outra, um ou outro dos nossos contemporâneos indaga-me:

– “E o Professor?”

---

**Luis Gastão Costa  
Carvalho Serro-Azul**  
*professor de Medicina*

# A primeira e última vez

M. I. Rollemberg

Recentemente, tive o prazer de encontrar um velho amigo de bancos escolares. Havíamos nos encontrado, pela primeira vez, justamente, naquela encruzilhada para ingresso à escola superior. O cursinho Di Túlio preparava apenas candidatos aos cursos de engenharia. Para torná-lo mais completo, estenderam os preparatórios para os cursos de medicina. Na ocasião, São Paulo só possuía quatro faculdades de medicina, duas na capital: uma em Pinheiros e a Escola Paulista e duas no interior: em Sorocaba e em Ribeirão Preto. Cada faculdade organizava seu exame de seleção de forma exclusiva, impedindo ao candidato concorrer ao ingresso em mais de uma faculdade ao mesmo tempo. Tinha que fazer uma opção, por mais delicada que fosse. Além de todos esses fatores limitantes, o número de vagas era reduzido: não chegava a trezentas, computadas as quatro escolas. Para complicar ainda mais, competiam entre si com exames vestibulares rigorosos, em que qualquer fracasso levava à perda do ano. Por isso, os poucos cursinhos disponíveis se esmeravam na qualidade de ensino a fim de conseguir a aprovação do maior número possível dos seus alunos e assim aumentar o prestígio da instituição para a futura escolha de novos candidatos. O Di Túlio Medicina conseguiu reunir uma plêiade de professores, acadêmicos da Faculdade de Medicina, na qual se destacavam Pedro Kassab, João Teixeira Pinto, Vitor Nussensweig, Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Marcelo Drouet, além do mestre Cândido de Oliveira, virtuose em nosso vernáculo. Ali conheci o Evelcor Salzano. Seu pai era um pediatra conceituado, e, provavelmente, este fato deve tê-lo guiado a seguir os passos paternos. Quiseram os fados que seus caminhos fossem outros e, hoje em dia, destaca-se como grande causídico na área tributária, ajudando, da melhor forma possível, aos funcionários públicos em suas intermináveis pendengas com os governos atrabi-

liários que pululam em nosso meio, cometendo os mais absurdos desatinos que deixam como herança para os que os sucedem.

Mas, naqueles tempos, no início da década de 1950, nossos problemas eram de outra natureza. Precisávamos “torrar” e aproveitar as aulas, algumas magistrais.

O grande sonho da época era possuir um automóvel. Evidente que se o aspirante a uma escola superior da época imaginasse esta possibilidade, logo iria constatar que não passava de um sonho de uma noite de verão. Todos os carros eram importados, caros, e o padrão de vida do brasileiro estava longe de permitir esta veleidade. Mas alguns privilegiados podiam dar uma escapadela no carrão do pai. Foi o caso do Evelcor. Apesar de sua extrema amabilidade e simplicidade, certo fim de semana nos surpreendeu com o carro do pai, um Chevrolet novinho em folha. Lógico, provocou um alvoroço. Só andávamos de bonde, eventualmente de ônibus, assim aquela possibilidade passava remotamente pela cabeça de cada um. Esporadicamente estudávamos em sua casa e, quando possível, levava os colegas de volta às suas pensões com o carro do pai. Em uma dessas vezes, contou-nos que freqüentava as corridas de sábado, em Cidade Jardim. Eram as chamadas sabinas, das quais se gabava pelo fato de ter ganho várias vezes em suas apostas. Conhecia uma pessoa muito influente, que por seu turno gozava da confiança de um jóquei, não sei se argentino ou chileno, chamado Gonzalez, do qual recebia confidências sobre “barbadas”. Por esta razão, fazia convites para irmos juntos, esperando uma oportunidade na qual conseguisse uma destas indicações “quentes”. Até que enfim chegou o tal dia. Deveríamos ir com o Milton Miller, outro colega de Novo Horizonte, em que pese naqueles tempos “bicudos” contássemos com muito poucos cruzeiros nos bolsos. Como o negócio era “garantido”, co-

mentamos com o Aderbal Vieira, que havia começado seus cursos jurídicos na Faculdade de Direito, que logo se interessou pelo assunto, confiando-nos um “dinheirinho” que havia guardado. Afinal, o negócio era garantidíssimo. Bastava jogar e ganhar. Não tinha “xabú”. Pedimos para ir depois do almoço. Argumentou não ser possível, pois “precisávamos aproveitar todas as ‘dicas’, desde o primeiro páreo”. Além do mais, com o dinheiro que iríamos ganhar, almoçaríamos no próprio restaurante do jóquei, comendo do bom e do melhor. Precisávamos correr, pois teríamos de chegar à casa do amigo “consultor”, a tempo de receber as tais “barbadas”. Fomos acompanhados do Zé Otávio, filho do tal senhor, que morava na rua Pires da Mota, ao lado da Faculdade de Medicina Veterinária. Recebeu-nos amavelmente no amplo quintal da casa, que possuía um verdadeiro pomar, coisa impossível de se encontrar nas casas paulistanas atuais. Deu uma relação dos ganhadores ao Evelcor com recomendações ao filho, das quais não tivemos conhecimento, zarpando de imediato em direção ao Jóquei. Nunca havíamos estado no mesmo. Corremos para o local de apostas, pois já estavam fechando o guichê, indo em seguida acompanhar a corrida. O máximo que conhecíamos em termos de corrida de cavalos era as disputas em fazendas do interior, denominadas “raias”. Colocavam divisórias paralelas de madeira a uma distância de 100 a 150 metros, com os competidores correndo em pares. Alguns animais eram especialmente treinados para este fim, com as apostas correndo soltas. Aderbal nos havia contado que seu avô tinha uma égua chamada “Jandira”, um verdadeiro furor na região de Nuporanga e Sales de Oliveira, lá pela década de 1920. Ganhava tanto que ninguém mais queria apostar contra o animal. O “velho” com os filhos resolveram a pendenga levando o animal a um sítio, na cidade vizinha, garantindo de “pés juntos” ser outro

animal. Afinal, a cor era completamente diferente. Correu e ganhou. Havia chovido, o pasto estava alto e a grama molhada tirou a tinta do animal que não era outro senão a própria égua “Jandira”. Foi um “perereco” para não levarem um “balaço”. Agora estávamos ali vendo os cavalos correrem sem saber sequer em quem havíamos apostado. Neste primeiro páreo, corriam três animais: um deles montado pelo tal Gonzalez. Perguntamos qual era nosso cavalo. Indicaram o montado pelo próprio. Depois viemos a saber que a indicação do cavalo feito pelo Gonzalez era um dos outros dois! Estava na cara que seu animal não iria vencer. Quando os animais passaram pelas arquibancadas,

chamamos a atenção dos dois amigos que torciam desesperadamente:

– “... o sujeito está segurando o cavalo!”

– “Não”, responderam em uníssono. “É assim mesmo. É técnica.”

Não deu outra, nosso cavalo chegou em último lugar. Foi a primeira decepção. Fomos ver os animais do segundo páreo no tal do “canter”. Tinha um cavalo chamado “Mauro”, indicado pelo tal amigo, como viemos a saber depois. Discutiram muito em apostar em um cavalo com este nome. Afinal, era o nome do grande beque do São Paulo. Apostaram em outro cavalo. O Mauro venceu de ponta a ponta! No terceiro páreo, “torraram” as derradeiras fichas

em outro cavalo, diferente do sugerido. Perdemos todo o dinheirinho. Ficamos sem um mísero centavo. Voltamos sem almoço, sem dinheiro e fomos deixar o Zé Otávio na casa do pai. Este nos recebeu com efusão:

– “Ganharam?”

Afinal, todos os seus palpites estavam corretos.

– “Não...” foi a resposta meio “amarela” dos dois.

O velho senhor deu um sorriso maroto. Nunca mais voltei ao Jóquei. Aquela foi a primeira e última vez...

**M. I. Rollemberg**  
médico e escritor

### Retratação ao Conselho Regional de Biomedicina – 1ª Região na pessoa do Dr. Marco Antônio Abrahão

Devido à minha avançada idade, 90 anos, portador de lesão cardíaca (obstrução coronária e insuficiência ventricular direita), e ao estado de saúde da minha também idosa esposa, fui aconselhado pelos meus médicos particulares Prof. Dr. Celso Ferreira e Dr. Cláudio Miguel Rufino, a evitar emoções, como é o caso da minha questão com o Dr. Marco Antônio Abrahão, representante e presidente do Conselho Regional de Biomedicina de São Paulo (CRBM). Assim, resolvi fazer retratação ao meu artigo “Biomédico, um Aepyornis revivido na medicina”, publicado no Suplemento Cultural da revista da APM (ago/2005) conforme solicitação do referido Conselho de Biomedicina.

- 1) Embora não admitindo a realização de exames anatomopatológicos (citologia oncológica e histopatologia) por profissionais não-médicos, como o biomédico, conforme os pareceres do Conselho Federal de Medicina e recomendações da Sociedade Brasileira de Patologia, tal como salientei no meu artigo, reconheço agora que não deveria ter comparado o surgimento e a expansão da Biomedicina com a ave pré-histórica, o Aepyornis de H.G. Wells. Foi uma manifestação impulsiva por causa do meu idolatrado amor pela Anatomia Patológica e a medicina profissional.
- 2) Se qualifiquei o biomédico de semimédico foi porque Biomedicina é um termo redundante, já que medicina é ramo da Biologia. A duração do curso é apenas de 4 anos, isto é, a metade daquele da medicina, ou seja, 8 anos (6 de graduação e 2 de residência). Ademais não poderia chamar o biomédico de paramédico porque este implica contato com o doente, o caso do enfermeiro. Todavia, confesso ter cometido um lapso nomenclatural, pois biomédico é denominação consagrada na literatura e nos currículos universitários.
- 3) A idéia de que os cientistas básicos, como os biomédicos, sejam invasores, não foi introduzida por mim, mas, em 1982, pelo médico – cirurgião John F. Skandalakis, professor da Universidade de Emory, Estados Unidos, no artigo *The Invaders of Anatomy* Surg. Gynec. & Obst. 154:241-242, 1981. E a palavra invasão foi empregada na recomendação do Dr. Carlos Alberto Fernandes Ramos, responsável pela defesa profissional da Sociedade Brasileira de Patologia – *O Patologista* ago/set 2003. Deste modo, eu apenas repeti o que foi publicado a respeito do cientista básico, como o biomédico, nos Estados Unidos e no Brasil.

Conclusão: Em vista desta exposição, venho a público pedir desculpas pelos transtornos que, segundo o Dr. Marco Antônio Abrahão, causei aos biomédicos em geral, com o meu artigo *Biomédico, um Aepyornis revivido na medicina*.

**Prof. Dr. Jorge Michalany**  
professor titular aposentado de Anatomia  
Patológica da Escola Paulista de Medicina

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina [presidente (*in memorian*)] – Celso Carlos de Campos Guerra  
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

**Cinematoca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*

# Uma história dramática dos sertões

Gladstone F. Machado

Quando criança, ficava eu fascinado por histórias e casos, muitos deles reais, que os adultos contavam em noites de verão. Naquele tempo, não havia televisão, e o rádio, de enormes válvulas, era um trambolho, que funcionava mal, sempre com problemas de acústica, interferências.

As famílias costumavam se visitar, reunidas no alpendre da casa grande, alumado com luz de carbureto, e os mais velhos, donos da palavra, contavam histórias, lembrando festas, inimizades, raptos de moças solteiras e das épocas difíceis de secas. Lá fora, a lua derramava seu brilho de prata, junto à luz brilhante das estrelas.

Muitos daqueles fatos ficaram gravados na minha memória, ávida por curiosidades e aventuras.

Uma noite lembraram um polêmico e desditoso caso, acontecido há muitos anos, durante um período difícil de seca, com suas conseqüências de misérias e agruras, quando a maioria dos homens moços e válidos migravam para outras terras, principalmente para o extremo norte, a desconhecida, perigosa e longínqua Amazônia, em viagens incomodas e demoradas.

Em nossa pequena cidade, vivia um jovem casal – na felicidade da juventude, com um filho de dois anos –; ele, de nome Feitosa, pequeno agricultor, e ela, morena, simpática, chamava a atenção por sua alegria e seus olhos verdes. Eram pobres e todo aquele enlevo se justificava pelo amor que tinham um pelo outro.

Ele, sem esperança do inverno naquele ano (os sertanejos costumavam aguardar até o dia de São José, 21 de março, pelas chuvas), juntou-se aos demais, e lá se foram para a Capital, depois seguiram para a Amazônia distante, em navios superlotados, naquelas levas que chamavam “soldados-da-borracha.” Em verdade, iam enfrentar o desconhecido, em busca de uma vida melhor, fugindo da calamidade da seca, esperando, em breve, retornar. Mas como dizia o poeta “eram sempre as almas tristes, as almas pobres, as almas nuas, que passavam pela vida lentamente carregando o cadáver dos sonhos pelas ruas”.

Chegavam aos seringais já cansados e com minguidas esperanças. Era um trabalho duro, uma semi-escravidão, comprometidos com o patrão ganancioso; não viam o dinheiro, compravam o necessário no armazém deste, ficavam sempre devendo, recebiam apenas uns trocados para o dia-a-dia. Vigiados pelo

capataz, homem grosseirão e exigente, dificilmente podiam sair. Enfrentavam perigos na mata, além de doenças, das quais a mais freqüente era a malária, que chamavam sezão, maleita, impaludismo. Também a tuberculose, que grassava desimpedida naquelas terras, matando muitos deles. O desengano e a desilusão chegavam cedo, companheiros da nostalgia, aquela saudade imensa que dóia fundo.

Após meses nessa vida de trabalho, doenças e desesperanças, alguns conseguiram sair, e um desses, retornando à sua cidadezinha natal, deu a notícia da morte do Feitosa, que havia se afogado, não sabendo de mais detalhes.

A jovem esposa do Feitosa logo soube que estava viúva, aos 23 anos de idade, e seu filho pequeno, órfão de pai, aos cinco.

O tempo passou e já fazia mais de três anos que o marido tinha se aventurado naquela fatídica viagem. Ela estava casada com outro, tinha uma filha de um ano, viviam pobremente, sem muito amor.

Pois bem, aconteceu que o Feitosa, quando se desiludiu de vez da Amazônia, saiu do seringal, conseguindo chegar a Belém, após muitas peripécias, com sua malária, sendo encaminhado à Santa Casa. Quando se recuperou, retornou a Fortaleza em situação pior do que quando embarcara para o extremo Norte.

Nos últimos anos, não tinha lembrança de ter encontrado ninguém do seu lugarejo. Naqueles tempos as comunicações eram difíceis, não havendo, em sua terra natal nem nos seringais, correio ou telégrafo.

Agora, queria fazer a grande surpresa, chegar à sua terra quase escondido, rever sua mulher tão querida, seus pais, parentes e amigos. Para completar sua alegria, era tempo de inverno, promessa e esperanças de fartura.

Não mais encontrando ninguém em sua antiga casinha, correrá à moradia dos seus pais e irmãos. Após o primeiro contato, em meio à alegria geral e à algazarra da vizinhança, todos queriam saber da sua história, pois ele era um redivivo, tido como morto há mais de três anos.

Notava-se o ambiente tenso, frases incompletas, olhares oblíquos, e logo a mãe dele contou-lhe que sua mulher havia se casado com outro, após o período de luto, e que tinha uma filha de um ano, mas o filho dele estava bem.

Era uma história estarrecedora. Um misto de dor e raiva incontidos tomou conta dele, e logo o ciúme, o monstro verde, insinuou-se em sua cabeça dominando seus pensamentos. Soube, então, que sua ex-mulher havia se mudado para perto dos novos sogros, onde seu atual marido sempre morara, distância pequena, umas 2 léguas.

Além do problema emocional e pessoal, havia a questão jurídica e religiosa, na qual envolvia também as crianças.

Naquele tempo, um caso desses constituía uma situação trágica e de solução impossível e, mesmo naquela noite em que recontavam essa história, tantos e tantos anos já passados, ainda as opiniões se dividiam.

Ele não pudera dar notícias, ela não tivera culpa, estava viúva e era natural que se casasse novamente. Essa lógica, tão cristalina, não servia para ele. O lugar era muito pequeno para um caso de tamanha repercussão e conseqüências.

Ele, então, resolveu, até de maneira civilizada para a época e para o lugar, ir embora de vez; para onde, ninguém ficou sabendo; levou com ele sua desdita.

Pelo que contavam naquela noite, nunca mais souberam dele, surgindo histórias sobre seu paradeiro, nunca confirmadas. Para ela foi ainda pior, sempre triste, deprimida, quase muda, isolando-se de tudo e de todos. O marido de então encontrou na bebida algumas soluções.

O destino havia traçado, com mão pesada e sem medir conseqüências, um futuro tão adverso para aquele jovem casal.

Interessante mencionar o Sol, que castigava, de modo tão inclemente, o nordeste brasileiro, acarretando tanta penúria e conseqüências sociais, notadamente para os sertões. É o mesmo que, algumas décadas depois, trouxe para aquelas terras e sua gente o grande benefício do turismo atual, impulsionando a indústria, o comércio e a sua economia. Suas praias tão decantadas fascinam os brasileiros do sul e estrangeiros, europeus ávidos por seu clima de verão, que chegam em levas contínuas, fugindo das suas terras friorentas e gélidas.

Gladstone F. Machado

membro emérito do Colégio  
Brasileiro de Cirurgiões